

Anexo 5 – Entrevista de diagnóstico: educadora do 6º ano

Dra/Educadora: Julia

Grupo de Alunos: 6º ano (tarde), com idades compreendidas entre os onze/doze anos – aproximadamente 21 alunos e 3 pertencem ao 7º ano, tendo cerca de treze anos,

Caraterização breve do Público-Alvo (P.A) em questões educacionais e pessoais (grupo homogêneo? Destaque de algum aluno como o mais ativo, rebelde, responsável?)

O grupo trabalha bem e gostam muito do ATL. Há o **caso do Duarte** mas já está a ser acompanhado.

Como é a aceitação de normas e regras por parte deste grupo? Estas são impostas ou trabalhadas em conjunto/grupo?

Há um hábito às regras. Já sabem a rotina, entram, sentam-se no seu lugar, tiram o material e têm já o grupo de amigos formado. **Há três alunos que ainda não estão tão integrados** apesar de já estarem mais participativos do que nas primeiras semanas mas reclamam mais um pouco do que os outros precisamente porque não estão tão ambientados com as regras estipuladas.

Quais as principais dificuldades em trabalhar com este P.A?

Eles **gostam e querem fazer o que lhes apetece**. Há uma necessidade de negociação e por isso sexta é o dia livre. Eles são pré-adolescentes ainda com muitas **atitudes de criança**. No 6º ano existe o **caso do Zé** que fisicamente é maior que os outros e tem atitudes menos próprias. Por exemplo, ele acaba de comer e vai para o sofá sem pedir autorização. E depois só tem brincadeiras parvas mas apesar disso fala pouco. Não quer fazer nada! É uma “luta” com este aluno porque não quer fazer os TPC’s. A educadora chegou a um ponto que lhe disse que não queria saber mais dele e então este aluno começou a “procurá-la”. Ele apresenta resultados insatisfatórios a português, matemática e inglês por falta de estudo. Ele tem tudo, os pais dão-lhe tudo e ele só se distrai com essas tecnologias. Os pais estiveram um período de tempo mais ausentes e o menino também sofreu a morte da avó de quem era muito próximo. Por sua vez os pais não perguntaram à DT como ele andava durante este período, nem mesmo ao ATL. Ele é repetente “porque quis”, até porque apresenta um bom comportamento na escola. Ele não é problemático nem mentiroso. Omite algumas situações apenas. Os pais por norma são bastante interessados. O aluno vinha com outro ritmo do 5º ano e tem algumas dificuldades apesar de ser responsável. Por curiosidade o menino não tem mais ninguém rapaz na família. Encontra-se no ATL às terças e quintas até às 15h.

Quais as principais facilidades em trabalhar com este P.A?

Têm lugar marcado, são autónomos, recebem bem as ordens. Tendo ou não trabalho para fazer por parte da escola o ATL apresenta sempre uma ficha de trabalho ou algo semelhante (desenhos, pinturas, comemoração de vindimas, etc) para eles fazerem. No início reclamavam mas agora já aceitam melhor essa rotina, salvo alguns alunos que questionam essa decisão.

O grupo, em alguma situação, reage com resistência? Que situações despoletam esse comportamento?

Há **alguns casos em que não obedecem** como aconteceu no dia 3 de Outubro. Foi gerado um pequeno conflito em que acabaram todos por serem responsabilizados e por tal tiveram um intervalo mais curto e ficaram na sala a fazer uma ficha.

Para trabalhar com o grupo, que estratégia é mais funcional e valorizada por eles: a punição/castigo ou a recompensa?

A recompensa funciona bem. Por exemplo, se um aluno tirar excelente as educadoras e auxiliares prometem algo. Quando há castigo por norma é geral, abarcando todo o grupo. Esse castigo é maioritariamente ficar sem recreio.

Há algum aluno que se mostre mais retraído?

Existe o **caso do Danilo**. Fala-se para ele e ele parece que não houve. Tem dez anos e está no 6º ano. Ele é muito inteligente (fez o 1º e 2º ano juntos), é o típico “cromo” mas faz tudo apesar de ser muito calado. Por outro lado existe o **caso do João Pedro**, que é um aluno que já frequenta a instituição desde o 1º ano. Era um aluno que toda a gente engraçava e achava piada mas cresceu e agora “não tem piada nenhuma” porque aproveitou-se do facto de ser o centro das atenções. Ele foi crescendo e ficando com ciúmes dos meninos mais novos que são os que necessitam de mais atenção e os que procuram mais mimo. Se lhe der para resmungar, resmunga e para além disso ele diz muitos palavrões, chega mesmo a ser indelicado. Para além disso questiona todas as atividades e tudo o que faz (“porque é que temos de fazer isto?”; “Porque é que não posso fazer aquilo?”). Quer agir como se tivesse 18 anos, tem uma personalidade forte e por isso reclama todos os dias. Se a educadora questiona “João Pedro, porque é que refilas?” ele responde “porque eu sou assim!”. A mãe, segundo a educadora, tem atitudes muito semelhante e as funcionárias sentiram necessidade de “cortar” a confiança porque dizem ser “mesquinha” e quanto menos se falar, melhor.

No que respeita a atitudes comportamentais, até ao momento verifica-se:

Casos de indisciplina? Para já ainda não se verifica.

Violência verbal? O **caso do João Pedro** é o mais profundo e este usa, de facto, uma linguagem desadequada e apreendida em contexto familiar. É uma linguagem foleira e tem atitudes irritantes. Se as educadoras lhe derem alguma desconsideração ele pouco a pouco vai procurando-as e rondando-as. Existe também o **caso do Afonso**, um menino que tem muita disciplina em casa (o pai é polícia) e agora anda mais calmo. Anda no 7º ano mas para já vai-se levando.

Violência física? Até ao momento não se verificam casos susceptíveis de sinalização.

Mau comportamento (comportamentos impróprios atendendo ao contexto)? Se sim, em que situações? Por quem? Para quem? Apenas o que já foi relatado em questões anteriores.

Há algum caso sinalizado de insucesso escolar? Se sim, como se aperceberam dessa situação?

De momento não há nenhum caso sinalizado, o ano ainda começou à pouco.

Como atuam em caso de conflito?

Qual a relação da [REDACTED], nomeadamente das educadoras do ATL, com a escola? P.Ex. Se se verifica um caso de indisciplina, o ATL consegue “chegar” à escola para perceber qual o comportamento do aluno em contexto escolar?

Essa **relação é mais presente no 1º ciclo**. De resto não conhecemos os professores. Por norma são os pais ou os alunos que falam com as educadoras sobre algum problema e pedem conselhos.

Qual a relação do ATL com os pais? Estes comunicam aos educadores ocorrências mais graves ocorridas quer em casa, quer na escola?

Com os pais há uma boa relação à excepção da mãe do João Pedro (NOTA: após esta entrevista a mãe do João Pedro conversou com a Educadora, melhorando a situação/relação entre ambas).

Sentem que têm informações/conhecimentos necessárias/os sobre o aluno (Situação socioeconómica, familiar, etc)?

Sim, as coisas “**vão-se sabendo**”.

Por vezes sentem que não sabem atuar por desconhecimento de caso (P. Ex. Um aluno reage agressivamente no ATL por um período constante, após esgotarem todas as estratégias e

nenhuma funcionar conseguem perceber se o problema foi originado por alguma situação vivida no contexto familiar e por desconhecimento do mesmo a intervenção não estava a ser eficaz)?

Geralmente os alunos desabafam e por isso tanto as educadoras como as auxiliares vão-se mantendo informadas. Os alunos são uma boa fonte de informação.

Há algum caso que considere pertinente de ser relatado, sobre alguma criança com características pessoais específicas ou uma situação socioeconómica, familiar e/ou escolar mais complexa? Há algum aluno mais nervoso, mais ansioso, mais tímido ou algum familiar que seja alcoólico, drogado, doente, falecido e que sintam que isso interfere na educação e vida da criança?

Existe o **caso da Ana**, que é uma menina portadora de uma deficiência mas sobre a qual não há total informação. Ela de manhã vai para a escola, à tarde dorme. A madrinha não fala muito sobre o assunto e diz apenas o que as educadoras devem fazer, não permitindo que estas façam mais do que isso. Não se sabe ao certo o tipo de deficiência mas a madrinha diz que ela não pode escrever apesar de comer de forma autónoma e fazer a higiene sozinha. A menina não fala claramente mas anda na terapia da fala. Há algumas contradições. A menina tem muito medo do padrinho. Ela tem uma irmã que foi formalmente adotada por este casal, apesar de também ter problemas de hiperatividade e dislexia. A Ana está com esta família junto da irmã mas apenas como se fosse casa de acolhimento. As educadoras não entendem o porquê de adotarem a irmã e não esta menina, tratando esta com mais frieza. O casal apenas pede que o ATL olhe por ela e comenta pontualmente que esta se mostra agressiva em casa, o que não acontece no ATL, onde as educadoras a caracterizam-na como muito amorosa. Colocam em hipótese haver um maior cuidado e carinho para com a irmã, em contexto familiar. Por último existe ainda o **caso do Dinis** que também tem deficiência mas está a ser acompanhado e os pais são muito presentes.